

RESENHAS

Machado, Roberto. *O Nascimento do Trágico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006, 279 p.

Depois de *Nietzsche e a Verdade, Zaratustra: Tragédia Nietzscheana*, Roberto Machado retorna ao tema das relações entre a tragédia e a filosofia com *O Nascimento do Trágico*, em que adota uma perspectiva histórico-filosófica, inspirada na arqueologia de Foucault, para reconstituir a trajetória do trágico no pensamento alemão, do séc. XVIII até seu ponto culminante com Friedrich Nietzsche. Um dos eixos conceituais que apóiam essa reconstituição é a diferença entre a poética da tragédia e a filosofia do trágico; outro é a relação entre teatro e política cultural na Alemanha, entre o idealismo alemão, o romantismo no qual aquele se enraíza, e o retorno aos filósofos e poetas trágicos gregos, em busca de um ideal para a identidade alemã.

Nesse horizonte, a introdução do livro, destaca a importância, para a história do trágico, da obra pioneira de Winckelmann sobre o parentesco cultural entre a Grécia e a Alemanha. Winckelmann inaugura a interpretação, depois tornada matricial, da essência da beleza grega como uma “nobre simplicidade e uma serena grandeza”, criando assim o ideal de sereno-jovialidade, a servir de modelo a ser imitado pelos alemães: “Do mesmo modo que as profundezas do mar permanecem calmas, por mais furiosa que seja a superfície, assim também a expressão, nas figuras dos gregos, mostra, em meio às paixões, uma alma grande e sempre igual”.

No capítulo zero, Machado contrasta a poética da tragédia e a filosofia do trágico. Pela primeira, há que se entender um gênero de análise ‘poetológica’, remontando à *Poética* de Aristóteles, que considera a tragédia de um ponto de vista técnico-artístico, na especificidade do gênero trágico em relação, por exemplo, à epopéia. Importante aqui é a estrutura da composição, os conteúdos do enredo dramático e recursos estilísticos peculiares, a ótica do teatrólogo, as diversas concepções da unidade de ação dramática, de tempo e espaço e, sobretudo, os efeitos do drama trágico. Machado explora diferentes tematizações da virtude catártica e purificadora que brota da encenação poética do mito, a ênfase em seus efei-

VERITAS	Porto Alegre	v. 52	n. 2	Junho 2007	p. 140-143
---------	--------------	-------	------	------------	------------

tos puramente estéticos e/ou morais. É sobretudo nesse gênero da poética que Machado inclui a estética de Lessing, Schiller e também de Goethe.

Em contraste com ela, a filosofia do trágico se preocupa com a idéia da tragédia – construção eminentemente moderna – cuja originalidade consiste em interpretar o trágico ontologicamente, como “capaz de apresentar a situação do homem no mundo, a essência da condição humana”. O trágico mantém, assim, estreita relação com o ser, ou com uma interpretação da totalidade dos entes existentes: o mito trágico exibiria não a interação dos homens no espaço político, mas a “obra do próprio ser, entendido seja como identidade, espírito, vontade, unidade.”

O primeiro capítulo, dedicado a Schiller, é o elo inaugural na arqueogenealogia do trágico como tema filosófico. Nele não apenas se destaca o lugar e a importância de Schiller, como elemento de transição entre a abordagem poética e a ontológica, mas também um tratamento aprofundado da recepção por Schiller da teoria do belo e do sublime, presentes na *Crítica da Faculdade do Juízo* de Kant, que fixará os rumos posteriores do debate sobre o trágico. Se, mesmo permanecendo na esfera poética da dramaturgia, a obra de Schiller já esboça alguns dos elementos da filosofia do trágico, com Schelling, Machado dá início à consideração ontológica da tragédia – chave para a compreensão moderna do mundo. A reflexão de Schelling toma a tragédia como expressão artística de uma intuição do absoluto, o conflito trágico como visão ontológica da totalidade. No sistema de Hegel, o trágico surge como um gênero particular no conjunto das artes, sendo a própria arte uma etapa de manifestação do espírito absoluto na história. Na poesia de Hölderlin, a tragédia reflete a concreção do destino e a lembrança da origem, enquanto que, em Schopenhauer, ela é tematizada como modalidade sublime de intuição estética da essência do mundo. Como toda arte, ela seria, para Schopenhauer, apaziguamento temporário do aguilhão da vontade, indicação do caminho definitivo para a santidade, redenção do círculo infernal do querer.

O ápice da filosofia do trágico é alcançado por Nietzsche, na reconciliação dialética entre apolíneo e do dionisíaco, que mantém unidos, em tensão e oposição permanentes, os instintos artísticos fundamentais da natureza: Apolo, que simboliza a beleza plástica da forma, e Dionísio, signo da extática dissolução da individualidade na embriaguez da música. Em Nietzsche, a tragédia não é interpretada nem como calmante, nem como um purgante, sobretudo não em termos de edificação moral, mas como um estímulo e sedução, capaz de induzir à alegria mesmo no sofrimento e na morte, pois “a destruição da individualidade não é o aniquilamento do mundo, da vida, da vontade”. Creio não ser exagero afirmar que, à semelhança dos heróis da tragédia, Roberto Machado vai inscrevendo de modo indelével, pela sucessão de seus grandes feitos literários, os traços de sua personalidade na história contemporânea da filosofia brasileira.

Nietzsche, F. *Introdução à Tragédia de Sófocles*. Trad. Ernani Chaves. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006, 94 p.

Com a publicação dessas preleções, a coleção *Estéticas* brinda o leitor interessado em arte e filosofia com uma preciosidade de valor extraordinário, tanto como curiosidade histórico-filológica, como por sua relevância teórica. *Contribuição à História da Tragédia Grega: Introdução à Tragédia de Sófocles*, são preleções proferidas por Friedrich Nietzsche no semestre de verão de 1870, na universidade suíça de Basileia. Com outros textos contemporâneos, como *O Drama Musical Grego*, *Sócrates e a Tragédia* e a *Visão Dionisiaca do Mundo*, marca uma etapa importante na preparação do primeiro grande livro publicado por Nietzsche em 1872: *O Nascimento da Tragédia*, que expõe a metafísica de artista do jovem Nietzsche, e constitui uma das principais referências da estética e da filosofia contemporâneas. Em tradução extremamente refinada e cuidadosa de Ernani Chaves, acompanhada por notas histórico-críticas que auxiliam a compreensão do texto, o entendimento de conjunto da filosofia de Nietzsche, assim como sua inserção no movimento cultural que vai do romantismo ao final do idealismo alemão, o texto situa Nietzsche na cena cultural de sua época, mostrando a recepção sempre lúcida e crítica das fontes de que se vale o filósofo. Nesse sentido, as preleções esclarecem as razões da polêmica que envolveu a publicação de *O Nascimento da Tragédia*, que talvez tenha contribuído para a frustração de Nietzsche com a filosofia universitária alemã (cujo modelo era seguido na parte suíça de língua alemã), levando-o a abandoná-la, dez anos depois de sua precoce consagração, em 1869, como catedrático de filologia clássica em Basileia.

Introdução à Tragédia de Sófocles traz à luz o entendimento heterodoxo por Nietzsche da ciência filológica que, segundo ele, não deveria limitar-se à verdade histórica, nem apenas à crítica rigorosa das fontes documentais – ainda que não pudesse descurar delas. A preleção texto já evidencia, bem antes de *O Nascimento da Tragédia*, que a erudição filológica somente adquire sentido como meio para a realização do ideal humanista de frutificação do presente pelo conhecimento do passado, para o vínculo entre os interesses científicos, as urgências da vida e as necessidades da cultura.

Como indica o tradutor brasileiro, filologia e filosofia não se perfilam, para Nietzsche, como domínios separados; respeitadas as especificidades, trata-se também de “pouco a pouco construir uma espécie de terceiro registro, de terceira possibilidade, qual seja a de uma reflexão filosófica que tomasse a seu serviço a filologia, naquilo que esta, segundo Nietzsche, teria de melhor: a implosão de todo e qualquer significado transcendente, que pudesse enfim servir como um referente último, uma verdade absoluta”. Essa ‘terceira margem’ entre filologia e filosofia, a estrita confissão da especialidade acadêmica jamais perdoaria a Nietzsche. No entanto, será ela, desde o início buscada e alcançada, que marcará o estilo de

toda sua filosofia, sendo um dos principais recursos de suas mais geniais criações.

A presente edição das preleções se pauta pelos critérios de rigor histórico-filológico característicos da edição crítica de Nietzsche por G. Colli, M. Montinari e sucessores. Trata-se de uma contribuição maiúscula para os estudos brasileiros sobre a filosofia de Nietzsche, mas também sobre história da arte, estética, história das idéias. Ela permite compreender melhor aspectos essenciais do pensamento do jovem Nietzsche, sobretudo o movimento genético de constituição e desenvolvimento de seus principais temas e problemas. Assim, por exemplo, o papel ambíguo de Eurípides; consumidor da morte da tragédia, é ele, no entanto, quem fornece, com *As Bacantes*, o modelo básico do dionisiaco. O mesmo vale para a influência das fontes recepcionadas criticamente por Nietzsche – particularmente Lessing, Schiller, Wagner e August Schelegel.

Além disso, o livro permite um olhar no gabinete de trabalho do professor Nietzsche, revelando o cuidado e o esmero na preparação das aulas, em fecundo diálogo com a ciência de seu tempo. Isso se evidencia a propósito da posição de Sófocles em relação a Ésquilo e Eurípides, que se altera radicalmente no intervalo entre a Introdução à Tragédia de Sófocles e O Nascimento da Tragédia, ilustrando um momento importante na formação do pensamento de Nietzsche, sua posição no clássico debate iniciado por Aristóteles sobre Édipo Rei como culminância do gênero trágico. Tendo em vista a riqueza dos elementos dessas preleções – seja em perspectiva histórico-filosófica, seja em relação às suas concepções originais de Nietzsche sobre o sentido dos mistérios dionisiacos, a importância do coro ditirâmico na tragédia, as relações entre o drama musical, a cultura, a religião e a política – elas ajudam a entender a ressignificação do trágico-dionisiaco na filosofia madura de Nietzsche.

Oswaldo Giacoia Junior
(Unicamp)
